

JUVENTUDE, IDENTIDADE E COMUNIDADES VIRTUAIS¹

Valburga Schmiedt Streck²

Resumo: Este estudo tem como objetivo refletir sobre o uso da internet como possível espaço para os jovens discutirem religiosidade, buscando entender como as comunidades virtuais servem como um lugar onde constroem sentido para o mundo. Parte-se do pressuposto de que as novas gerações estão sendo socializadas fora dos padrões tradicionais e são exigidas a se adaptar a papéis constantemente em mutação. Isso faz com que se tornem “arquitetos do seu próprio futuro” e se sintam órfãos de modelos seguros. Foram analisados alguns desses espaços virtuais olhando formas de discussão religiosa ali existente. O Orkut, considerado o maior *site* de relacionamentos entre jovens brasileiros, serviu como exemplo para este texto, e apenas comunidades do Orkut que poderiam oferecer espaços de discussão de religiosidade foram consideradas. Entre as conclusões do estudo, ressalta-se que a internet oferece oportunidades para criar e desenvolver espaços para falar sobre religiosidade e para encontrar sentido e orientação.

Palavras-chave: Religiosidade. Juventude. Comunidade virtual. Identidade.

Youth, identity and virtual communities

Abstract: This study reflects the use of Internet as a possible space for youth to discuss religiosity. It tries to understand how young people use this instrument to form virtual communities that enable them to create meaning in a constantly changing world. As the new generations are being socialized away from traditional patterns, they need to adapt to new roles. The Internet offers them new ways of socializing and to express themselves. To understand this movement, virtual spaces have been analyzed looking for forms of discussion of religiosity that are being established online. The Orkut, considered the most widely used communication site among Brazilian youth, served as a sample for this paper, and only communities of the Orkut that offered space to discuss religiosity were analyzed. Among the conclusions of the study it was found that the Internet offers an environment with many opportunities where youth can talk about religiosity and to find meaning and orientation.

Keywords: Religiosity. Youth. Virtual community. Identity.

¹ O artigo foi recebido em 21 de agosto de 2010 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer de 30 de agosto e 12 de setembro de 2010. Trata de um projeto que contou com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

² Doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia. Professora de Teologia Prática e Aconselhamento Pastoral da EST, São Leopoldo/RS, e diretora de estudos do Projeto de Estudos e Pesquisa de Teologia e HIV/AIDS na América Latina e Caribe. valburgas@yahoo.com.br

O objetivo deste estudo é analisar o uso da internet como espaço para discussão de religiosidade entre jovens de diferentes confissões religiosas e entender a interação desses em redes num mundo complexo em mutação. Os jovens, como as crianças, encontram na internet um espaço vital que traz sentido e que permite uma constante inter-relação com outros indivíduos através de *sites* de relacionamentos, comunidades virtuais, *weblogs*, *e-mail* e outros. No contexto da globalização, crianças e jovens são socializados de forma diferente que seus pais. Há uma mudança de valores em vários sentidos que tem afetado diretamente a maneira como as crianças e jovens são educados. Por exemplo, na educação liberal da atualidade, ordem, disciplina e obediência têm pouco a ver com o clima autoritário que os pais dessas crianças e jovens experimentaram quando crianças. Sem saber como colocar limites, os pais buscam orientações especializadas, algo inimaginável para a geração dos avós. Sendo socializados desde cedo com os modernos meios de comunicação, eles têm a possibilidade de se comunicar constantemente pelas novas mídias. Os sentimentos e a reflexão ética dessa nova geração, que vê ao vivo cenas de crime acontecendo nas ruas das cidades brasileiras, bombardeios de guerras reais ou cenas de sexo na TV e na internet, são distintos daqueles de gerações anteriores.

Com a entrada da mulher no mercado do trabalho, as novas gerações, desde a mais tenra idade, passam a maior parte do seu dia em creches, onde novas redes sociais são estabelecidas. Se não existem mais os irmãos biológicos, as crianças socializam com outros, crianças e adultos, estabelecendo novos laços afetivos. Por outro lado, cada vez mais crianças crescem apenas com um dos pais. Na maioria das vezes, só convivem com a mãe, e o contato com o pai torna-se raro ou inexistente. Passam por rupturas e têm que sobreviver a crises, quando há separações e novas reconfigurações familiares. Ressalto que infância e juventude não podem ser vistos de forma homogênea no contexto brasileiro. Se, por um lado, há semelhanças, por outro, temos aspectos que não se comparam.

Neste texto, iremos abordar, em primeira instância, a questão da identidade no jovem, mostrando que ela se processa de forma diferente do que nas gerações anteriores e como, devido a isso, também a sua rede de relações é muito mais móvel e dinâmica. Com isso também são feitas comparações com as gerações anteriores, que precisavam se adaptar ao contexto social e não tinham escolhas. Num segundo momento, o texto discute como as comunidades virtuais possibilitam ao jovem a construção de uma rede social que é móvel e flutuante e olha de forma especial para algumas comunidades virtuais do Orkut onde jovens discutem sobre religiosidade. A pergunta que se coloca é se essas comunidades não deveriam receber uma atenção maior por parte das igrejas. Entende-se que é um desafio especial para as práticas pastorais e, em especial, para a teologia prática

Juventude e a construção da identidade

A fragmentação das relações sociais na sociedade pós-moderna coloca em risco a coerência do contexto diário das pessoas e traz consequências para a identidade e a saúde dos indivíduos. Por identidade entendemos o “conceito referencial individual da pessoa dentro do qual ela faz as interpretações de suas experiências e o qual também lhe serve de base para a elaboração diária de sua identidade”³. A rede social ou comunitária se atomiza em vários contextos vitais menores. Em vez de ter uma comunidade, o indivíduo passa a ter várias, e assim ele também tem que construir sempre de novo suas redes de relações. A biografia normal torna-se uma biografia de escolha – uma biografia reflexiva, uma biografia de montagem. Hoje, tudo parece ser contra o permanente. O que antes era definido nas comunidades, na família, nas classes sociais, agora é decidido, interpretado e trabalhado pelo indivíduo.⁴ Se nos anos 1950/60 a gente casava sem refletir muito e nem se perguntava se ia ser feliz, hoje se discute seriamente sobre isso e a gente se separa quando o casamento não agrada mais. Ao mesmo tempo em que é necessário que os indivíduos sejam capazes de se integrar nas diversas redes sociais na fase vital, também devem ser capazes de planejar de tal forma a sua vida para que possam atingir seus objetivos, enfrentar fracassos e ter energia para recomeços. Na sociedade tradicional, a vida era mais ou menos planejada dentro de uma comunidade que se conhecia e onde os papéis eram definidos e desempenhados de acordo. Agora, a liberdade oferecida ao indivíduo traz benefícios por um lado, mas, por outro, esse indivíduo tem pouco a dizer neste mundo em que se encontra.⁵

O estudo Shell 2000 sobre a juventude alemã trouxe um perfil de uma juventude desmotivada, egoísta e sem interesse político. Entretanto, no estudo Shell em 2002, o quadro já era bem diferente.⁶ Em torno de 48% dos jovens de 12 a 25 anos estudam, e a maioria vive com os seus pais, com os quais têm uma boa relação. É uma geração de jovens que quer ter família e filhos e os querem educar da forma como eles foram criados. Politicamente, estão engajados em projetos sociais, mas não com partidos políticos. Eles são solidários em vários grupos. No mundo globalizado, espera-se dos jovens que tenham metas de capacitação acima da média para poderem se integrar. Se eles fracassam nos estudos ou no trabalho, colocam em risco seu futuro num contexto onde também o sistema de seguridade social está no limite. Além disso, espera-se que os jovens se adaptem a essa situação.

³ Cf. KEUPP, Heiner. **Identitätskonstruktionen**. Patchwork der Identitäten in der Spätmoderne. Hamburg: Rowolht, 1999. p. 109

⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 15.

⁵ BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth (Orgs.). **Riskante Freiheiten**. Individualisierung in Modernen Gesellschaften. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1994; BEEHORST, Joachim; DEMIROVIĆ, Joachim; GUGGEMOS, Michael (Orgs.). **Kritische Theorie im gesellschaftlichen Strukturwandel**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2004.

⁶ DEUTSCHE SHELL (Hrsg.). **Jugend 2002**. 4. Aufl. Frankfurt, 2003.

Entretanto, se a geração de jovens anterior era pessimista em relação ao futuro, a de 2002 era otimista. O que dá para perceber é que as ideologias estão fora de moda; e o empreendedorismo, na moda. As famílias estimulam os filhos a serem empreendedores. Ao mesmo tempo, estão conscientes sobre a ecologia, as guerras, estrangeiros e pobreza. Entendem que os excluídos e os pobres devem ser incluídos. A maioria é a favor da democracia para governar um país.

O psicólogo alemão Heiner Keupp levanta a pergunta se a nova geração alemã está construindo sua própria religião, moral e biografia no seu livro “A sociedade de *Ichlinger*”⁷. Não há mais objetivos, mas processos que delineiam como alguém pode viver nesta sociedade de bricolagem moral. O indivíduo pode escolher o que é melhor e mais adequado para ele. A vida toma o curso de uma moral pessoal. É como estar surfando numa moral que parece ser a base de uma nova ética. Podemos chorar pelo tipo de mundo que está terminando e onde a seguridade social se esgota (como no caso dos países do norte) e o ecossistema está em colapso. Mesmo assim os indivíduos querem um mundo sempre mais confortável, e este não é um mundo isolado, mas construído por redes sociais e engajamentos que são importantes para a solidariedade. Ao mesmo tempo, essas redes são livres e flutuantes. Percebe-se que as pessoas se engajam em vários tipos de ações sociais e querem ser sujeitos de suas próprias ações. Se eu estou engajado como cidadão, significa que sou sujeito e que sou responsável pelo que faço, e com isso a ideia de pertença a uma igreja, por exemplo, como era na modernidade, também vai mudando.⁸

Deve ser observado que isso não é só liberdade, mas uma exigência desta sociedade da segunda modernidade. O sujeito muda de lugar geográfico – dificilmente se vive uma vida toda no mesmo local. No caso brasileiro, cada vez mais as gerações novas migram em busca de emprego.⁹ Percebe-se que os jovens não fazem mais o mesmo que os pais faziam, e com isso termina a história familiar – deixo de ser comerciante como toda a minha família. As constantes rupturas familiares são outro tipo de mobilidade social. Famílias reconstituem-se e muitos pais têm pouco contato com seus filhos. A outra mobilidade localiza-se na esfera política, onde não há mais lealdades para partido ou candidato. Além disso, numa família podemos encontrar eleitores de diferentes partidos com opiniões totalmente opostas. As redes sociais virtuais, onde não só de jovens, mas também as outras gerações fazem parte – sejam crianças, adultos e idosos. Nessas redes, os sujeitos movimentam-se e formam novas socializações em mundos virtuais que são mais

⁷ KEUPP, Heiner. **Einer Gesellschaft der Ichlinge?** Eichenau: Sozialpädagogischen Institut in SOS-Kinderdorf e V. München, 2001. p. 69.

⁸ KEUPP, 2001.

⁹ Conforme dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) de agosto 2010, caiu o percentual de migrantes na população brasileira. De 3% em 1995 para 1,9% (3,3 milhões de pessoas) em 2008. Um dado interessante é que 45,6% dos 3.327 milhões de brasileiros migrantes são jovens com idades de 18 a 29 anos e esses têm uma taxa de desemprego menor. Confira <www.ipea.gov.br/>. Acesso em: 19 ago. 2010.

uma forma de mobilidade¹⁰ e lá têm a possibilidade de assumir novas identidades, que podem ser totalmente diferentes das vividas no mundo real.¹¹

A compreensão do desenvolvimento humano em etapas evolutivas nas últimas décadas recebeu sérias críticas, porque se entende que não é possível determinar as fases pelas quais a pessoa passa de uma maneira tão nítida e exata como era entendido nas décadas dos anos 1950 e 1960. Um desses modelos identitários é o que foi desenvolvido há quarenta anos pelo psicólogo Erik Erikson. Nesse modelo, a construção da identidade era um problema a ser solucionado na adolescência. Tinha como tema central a pergunta “quem eu sou” durante a adolescência e essa devia ter sua resposta na fase adulta. Assim o processo de formação da identidade tem um tempo limitado na juventude como um “projeto identitário” e o tornar-se adulto era visto como a solução do problema. Erikson é considerado um clássico da Psicologia de Desenvolvimento com o seu modelo epigenético de desenvolvimento com uma sequência ordenada onde cada idade é um degrau numa escada que vai do nascimento até a velhice. Em cada um desses degraus há uma “tarefa desenvolvimental” para ser cumprida.¹² Se essa é solucionada de forma positiva, a pessoa parte para uma biografia considerada *normal*. Em caso de não cumprimento, as consequências aparecem refletindo na vida futura como algo não realizado e se coloca como um obstáculo para o sujeito. Para Heiner Keupp, a pergunta sobre qual a posição que se deveria tomar em relação ao modelo de Erik Erikson é equivocada. Quem estuda identidade e psicologia social não pode ignorar a teoria de Erik Erikson. Devemos, sim, nos perguntar se as concepções de Erikson ainda correspondem à dinâmica da mudança cultural em que vivemos ou se essa concepção teórica deve ser reformulada.¹³

Sabe-se que, até a década de 1960, a identidade era construída para que o indivíduo se adaptasse ao grupo social onde vivia e pressupunha que tivesse cumprido determinadas tarefas para poder entrar no mundo dos adultos. Rapazes e moças, quando chegassem à idade adulta de 19 a 25 anos, deveriam casar e formar uma família. Esse casamento duraria uma vida toda, considerando que não havia lei de divórcio até a década de 1970, sendo as separações judiciais entendidas como fracasso e os filhos de casais separados vistos com desconfiança. Era esperado que uma pessoa fosse membro de um clube, de uma igreja, de um partido político etc. Não era só o indivíduo isolado, mas a família unida que ia à igreja aos domingos, que participava da mesma sociedade – clubes e associações. Para as mulheres, não ter casado até os 21 anos era extremamente difícil, porque os comentários diretos ou indiretos sobre “estar sobrando” e “ficar para titia” não eram poupados. Uma

¹⁰ MORAES, Denis de (Coord.). **Sociedad Mediatizada**. Barcelona: Gedisa, 2007; SCHULTZ, Margarita (Coord.). **El factor humano em la cibercultura**. Buenos Aires: Algfarma, 2007.

¹¹ GARCIA, Teresa Aguiar. **Ontologia Cyborg**. El cuerpo em la nueva sociedad tecnológica. Barcelona: Gedisa, 2008.

¹² ERIKSON, Erik. **Childhood and Society**. 2. ed. New York: Norton & Norton, 1963.

¹³ Cf. KEUPP, 1999, p. 25.

jovem que passava dos limites permitidos pela sociedade na área da sexualidade era discriminada, correndo o risco de não achar um homem que quisesse casar com ela. A formação da identidade da mulher só se completava através do casamento, quando assumia o sobrenome do marido – a “senhora” de “tal senhor”.

Para os sociólogos Beck e Gernsheim¹⁴, a biografia de bricolagem rapidamente pode se tornar uma biografia de rupturas. E, ao olharmos em torno, dificilmente veremos casais casados por muito tempo ou pessoas que permanecem muito tempo num emprego. Giddens, ao falar das relações afetivas, diz que uma relação não dura mais do que a satisfação que um dos parceiros permite. É o assim chamado de *confluent love*¹⁵. Esse aspecto faz entender a mobilidade e a versatilidade. Assim as biografias de bricolagem são biografias de risco e tornam-se uma exigência da sociedade atual. O sujeito deve ter mobilidade para poder “se planejar” e se comportar como um sujeito independente.

As mudanças que vêm com os movimentos sociais de 1980 e 1990 trazem consigo a ideia de comunidades locais onde se organizam grupos de interesse. Como já mencionado anteriormente, a mudança cultural ocorrida com a urbanização fez com que houvesse uma reconfiguração no pertencimento às comunidades, e elas receberam novos significados. Se antes uma família inteira pertencia a uma comunidade cristã, por exemplo, atualmente é raro encontrar os membros de uma mesma família fazendo parte de uma comunidade.¹⁶ No caso brasileiro, encontramos numa mesma família pessoas que podem ter três ou mais religiões ou talvez nem pertencer a uma religião, ao passo que outro membro pode ser frequentador assíduo de uma igreja. Os novos atores sociais escolhem suas comunidades, que podem ter um cunho eclesiástico ou não e, ao mesmo tempo, esses atores podem pertencer a várias comunidades, sem remorsos, algo impensável na modernidade.

Entre os elementos que desencadearam as grandes mudanças sociais a partir dos anos 1960 estão as novas tecnologias na área da comunicação. Mais recentemente, com a difusão do uso da internet, a formação de redes sociais e comunidades virtuais trouxe novas possibilidades de relacionamento, e o indivíduo não se prende a um lugar nem é preso nesse lugar.¹⁷ Ao mesmo tempo, sabe-se que nas redes e nas comunidades virtuais o comportamento das pessoas é parecido ao comportamento nas relações face a face. Apresentamos abaixo alguns dados e comentários sobre como esse fenômeno se manifesta entre os jovens no campo religioso.

¹⁴ BECK; BECK-GERNSHEIM (Orgs.), 1994.

¹⁵ GIDDENS, Anthony. **The Transformation of Intimacy: Sexuality, Love, and Eroticism in Modern Societies**. Stanford, California: Stanford University, 1992.

¹⁶ Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003

¹⁷ FELINTO, Erick. **A religião das máquinas**. Ensaios sobre o imaginário da cybercultura. Porto Alegre: Sulina, 2005; RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

Comunidade virtual no Orkut

A internet pode ser considerada uma metacomunidade, no sentido de que congrega uma infinidade de comunidades e, ao mesmo tempo, fornece as condições que possibilitam a formação de comunidades. Conforme Nicolas C. Burbules, uma das condições principais desse espaço é o seu caráter global, que permite comunicação e interação instantânea entre pessoas e grupos de diferentes regiões e culturas. As comunidades virtuais podem ser constituídas em torno de valores e temas que expressam uma grande diversidade, o que faz com que precisam estar atentas para manter a coesão que lhes dá um sentido de pertença como comunidades.¹⁸ De acordo com dados do levantamento do Instituto Ibope Nielsen Online, realizado em abril de 2010, os brasileiros são os internautas que mais acessam redes sociais no mundo. Ao todo, 86% dos usuários de internet do país estão presentes nas comunidades virtuais e passam cerca de cinco horas por mês nesses *sites*.¹⁹ No Brasil, um dos *sites* de relacionamentos mais populares é o Orkut²⁰, onde 51,16% são brasileiros. Entre os outros países há, por exemplo, usuários dos Estados Unidos da América, Índia, Reino Unido, Canadá, além de outros países. É interessante observar que 56,58% dos usuários têm entre 18 a 24 anos e apenas 2,35% têm mais de 50 anos. Desses, 41,90% são solteiros. Um total de 83,04% de usuários entram no *site* para procurar amigos, enquanto que 30,22% buscam contatos profissionais. O objetivo maior do Orkut é oferecer a possibilidade de fazer contatos.²¹

O Orkut é considerado um “*software social*” que foi criado por Orkut Buyukkokten em 2004 e é um sistema sem custos. Inicialmente a entrada para o Orkut era permitida mediante o convite de uma pessoa já cadastrada nele, mas atualmente basta se inscrever. Mesmo que proibido para menores de 18 anos, sabe-se que os jovens são os maiores adeptos desse *site* e que o número de crianças também vai crescendo. Esse *site* funciona por comunidades e perfis. A pessoa cadastrada pode criar um perfil e indicar a amigos bem como criar comunidades que agregam grupos como fóruns de discussão ou mensagens. A interação que acontece pode ser mútua – as pessoas escrevem e dão testemunhos – ou interativa, quando se pede

¹⁸ BURBULES, Nicholas. Does the Internet constitute a Global Educational Community?. In: BURBULES, Nicholas; TORRES, Carlos Alberto (Eds.). **Globalization and Education**. Critical Perspectives. London/New York: Routledge, 2000. p. 349.

¹⁹ Disponível em: <www.administradores.com.br>. Acesso em: 26 set. 2010. Outras comunidades virtuais e *sites* de relacionamento que são populares e que fazem sucesso no mundo são Twitter, Facebook, Myspace, LinkedIn. Como nosso enfoque neste estudo é o Orkut, não iremos nos deter em outros sites de relacionamento e comunidades virtuais.

²⁰ Confira <www.orkut.com>. O site mais popular entre americanos é My Space (www.myspace.com), no qual 65 milhões de pessoas (a maioria jovens), milhares de bandas de *rock*, artistas de cinema e *marketeiros* pedem por atenção. (Vários acessos nos anos 2006 a 2009.)

²¹ Segundo o levantamento realizado pelo Nielsen/Netratings, o Brasil foi o país que mais ganhou usuários residenciais no mês de fevereiro, com um crescimento de 10%, totalizando 13,2 milhões de usuários. (Dados de 27 de março de 2006 – <www.terra.com.br>).

algo para o outro, como no caso de fazer parte de sua comunidade e ser seu amigo. Atualmente há mais de 140 mil comunidades no Orkut e essas tendem a aumentar, já que qualquer pessoa pode criar uma nova comunidade.²² Entre os jovens, o Orkut se tornou um *Orkut way of life*, superando o uso dos *e-mails*. Interessante é que, muitas vezes, toda a família se encontra nesse *site* de relacionamentos.

Navegar por um *site* de relacionamentos é como caminhar numa rua com muito trânsito. Há inúmeros relatos de crianças e jovens que acabam sendo inseridos em *bullying* virtual, em que, como vítimas, não conseguem se defender e os seus agressores não são atingidos pela lei. Muitas vezes, as crianças colocam seus nomes, endereços e telefones no *site* e identificam onde estudam e onde transitam. Isso permite que pessoas mal-intencionadas descubram suas identidades e elas podem ser vítimas de abuso e crimes. Muitas vezes, os próprios pais colocam seus filhos em *sites* e nem se apercebem dos riscos. Quando os pais estão separados, pode acontecer que ao estar na casa de um dos pais, a criança ou o jovem tenha acesso irrestrito à internet, enquanto que o outro pai não faz ideia do que o filho está fazendo. Crianças e jovens tornam-se aficionados pela internet. Para ilustrar, citamos o caso de Ana, de 16 anos. Durante o dia, fica nove horas na frente do computador, e os pais acham que é muito estudiosa. Na realidade, ela é *e-maildependente*, o que quer dizer que ela não consegue parar de ler seus *e-mails*. Ana teve sua primeira conta de *e-mail* aos 12 anos e hoje tem 18 endereços, cada um servindo para um fim diferente, e ela responde a todos. Além disso, ela tem três perfis no portal Orkut e uma conta no MSN *messenger*. Para atender a toda essa rede de comunicações, a jovem precisa de muitas horas. Uma pesquisa da Dynamic Markets realizada na Europa e na Ásia mostrou que 75% dos entrevistados admitiram não conseguir ficar muito tempo longe do *e-mail*.

Temos que reconhecer que tanto no Orkut como nos *blogs*, as pessoas de diferentes gerações encontram amigos, estreitam laços e recebem apoio e solidariedade. No Orkut, por exemplo, há comunidades de parentes e amigos que se reencontram depois de muitos anos separados ou que nunca se encontraram e no ambiente virtual mandam fotos e eventualmente falam e se enxergam através de *webcams*. A rede de solidariedade também chama atenção entre os jovens. Cito o exemplo de um jovem que estava gravemente enfermo com leucemia e necessitava de transfusão de sangue. Uma amiga imediatamente acionou sua comunidade virtual e, em pouco tempo, doadores estavam a postos no hospital onde o jovem estava internado para doar sangue. Há outros exemplos de como ajudar alguém a achar um emprego, dar orientações sobre algum problema, ajudar em alguma pesquisa, orientações sobre saúde e assim por diante. O que chama atenção no Orkut também é a forma de interação que acontece em comunidades familiares. Por exemplo, há uma família que mora nos Estados Unidos. Há alguns anos, enquanto os filhos eram pequenos, eles moraram no Brasil. Os pais da mãe são alemães que migraram ao Brasil quan-

²² RECUERO, 2009, p. 135.

do ela era pequena. No Orkut, eles têm uma comunidade onde toda a família se identifica e interage com os amigos e parentes dos três países em língua inglesa e portuguesa. Lá encontramos fotos, notícias, diálogos etc. tanto dos pais e dos filhos bem como dos parentes e amigos. Num mundo de grande mobilidade social, essa é uma das maneiras encontradas para se manter atualizado e em constante interação.

Comunidade virtual e a discussão de religiosidade

Aqui é importante olhar para o fenômeno juvenil e entender um pouco sobre a religiosidade dos jovens. Olhando para dados a partir de uma pesquisa publicada no final de 2003 (www.projetojuventude.org.br) com uma população de 3501 jovens entre 14 a 24 da área rural e urbana, os resultados mostram que 90,0% desses jovens nunca fumaram maconha e que 82% querem continuar vivendo na casa dos pais. Desses, 76% trabalham e 64% estudam. Somente 2% estão engajados em algum trabalho voluntário voltado a causas sociais. Eles parecem carecer de sentimento de solidariedade para o mundo que os adultos estão deixando como herança. Religião aparece em décimo terceiro lugar no *ranking* de 15 itens de interesse. Entretanto, 65% deles se consideram católicos romanos e 22% praticam uma religião evangélica. O medo de Deus aparece em quarto lugar na importância de valores e a religiosidade em oitavo lugar. Falar em Deus não é a mesma coisa do que ter religião, entretanto a igreja ainda aparece em importância logo após a família, a escola, a rua e o trabalho. A igreja aparece em quarto lugar como o espaço onde se pode fazer amigos.

Numa pesquisa realizada em São Leopoldo entre jovens entre 14 e 24 anos, a religião apareceu em sétimo lugar entre oito em termos de importância para a vida.²³ A grande maioria desses jovens disse que não gostaria de ter vizinhos muito religiosos. 17,1% nunca participaram de encontros ou de atividades religiosas, enquanto que 22,1% participam pelo menos uma vez por semana. Ao seguir uma religião, a maioria deles disse que segue a religião do pai, no caso de católicos romanos. Se a mãe é pentecostal, os filhos tendem a seguir a religião da mãe. O estudo conclui que há uma tendência a rejeitar a religião institucionalizada e que a preferência é por uma fé individual e pessoal, rejeitando a vida tradicional de comunidade.

Na pesquisa sobre comunidades virtuais e religiosidade²⁴, tentamos ver igrejas no Orkut e fizemos um mapeamento de comunidades. Como metodologia de pesquisa foi usada a metodologia da etnografia virtual, que é originada da antropologia e não exige a presença física do pesquisador, sendo que ele pode ou não interagir com os sujeitos e grupos pesquisados. Ao não interagir, pode passar despercebido. Essa metodologia é usada para pesquisar comunidades virtuais,

²³ DICK, Hilário (Coord.). Discursos à beira do Sinos. A emergência dos valores na Juventude: o caso de São Leopoldo. **Instituto Humanitas**, ano 4, n. 18, 2006.

²⁴ A pesquisa iniciou em 2006 e se desenvolveu até 2008. Nos anos 2009 e 2010, ela se redireciona, estudando “comunidade virtual e redes de apoio em situação de vulnerabilidade”.

sendo que não tem uma estrutura rígida e o pesquisador pode fazer suas escolhas dentro do campo pesquisado.²⁵ É importante ressaltar que a pesquisa na internet é recente e que as pesquisas *on-line* têm adaptado metodologias, métodos e técnicas semelhantes à pesquisa *off-line*. As primeiras comunidades estudadas foram as que se identificavam com a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. É importante mencionar que nenhuma dessas era uma comunidade oficial da igreja, e sim eram membros que decidiram criar ali um espaço. Numa dessas comunidades, alguém (aparentemente um jovem) escreve: “Como estou feliz em encontrar minha igreja aqui!” Percebeu-se que era uma pessoa que havia digitado o nome da igreja e ficou radiante ao ver que também a sua igreja se encontrava nessa “galáxia”. Já outro jovem disse: “Meus pais são luteranos. Eu nunca vou à igreja, mas eu me sinto luterano e confesso que me sinto assim porque aprendi valores importantes para minha vida”. É a ideia da comunidade onde a pertença a um determinado grupo providencia uma identidade à pessoa.

Ao buscar pelo tema “juventude”, encontramos 500 comunidades com o título *Juventude* no Orkut em novembro de 2006. Esse índice provavelmente tem aumentado desde então. Por exemplo, encontramos 12 comunidades de jovens com mais de 12 membros que se identificam com a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB, mas não são comunidades virtuais oficiais dessa igreja (o número limite para ser considerada uma comunidade é ter 12 membros). Quem sabe existam mais comunidades que, pelo número menor de membros, não são registradas como tal. Cada comunidade precisa de um líder e um moderador. Os moderadores das comunidades são pessoas que, em geral, parecem ter mais de 25 anos. Pelo menos é isso que transparece no perfil. Esses se consideram jovens e fazem parte do grupo de jovens da igreja. Isso traz outro aspecto interessante, porque mostra um fenômeno da modernidade tardia no qual a idade para ser considerado jovem vai se expandindo, podendo chegar a 30 ou, como já tem sido observado, até 35 anos. Diferente da década de 1960, quando com 20 anos se era considerado adulto e muitos já eram pais de família. Também chamou atenção que são homens e não mulheres os líderes desses grupos. É evidente que, como a maior igreja cristã no Brasil, a Igreja Católica aparece como a que tem mais comunidades de jovens que se identificam como pertencentes a ela e essas comunidades se organizam também em torno de expressões e convicções de fé dos jovens. Algumas comunidades têm mais de 10 mil membros nas interações, o que não significa que esses membros todos continuem interagindo constantemente. Muitas vezes acontece que um membro só interage uma única vez e depois não se manifesta mais. Não se sabe se ele continua acompanhando as discussões ou não. Ao ler o volume de interações nos diferentes tópicos, percebemos como os jovens escrevem e vão produzindo textos. As comunidades escolhidas para o estudo foram as que se identificavam como

²⁵ Veja HINE, Cristine. **Virtual Ethnography**. London: Sage, 2000; HINE, Cristine (Org.). **Virtual Methods: Issues in Social Research on the Internet**. New York: Berg, 2005.

“pertencendo”²⁶ ou se identificando com as igrejas e foram: a) as igrejas protestantes que são membros do Conselho Mundial de Igrejas; b) as comunidades de jovens que se identificaram com a Igreja Católica Apostólica Romana. Observamos que muitos tópicos nas igrejas têm certa semelhança, o que mostra a preocupação da juventude na contemporaneidade. Trazemos o levantamento de quatro tópicos recorrentes nos quais havia as maiores interações e os comentaremos brevemente. É evidente que os jovens de cada grupo religioso trazem preocupações específicas a partir de sua confissão religiosa

Identidade e comunidade ou identidade confessional – Em todos os grupos, esse é um tópico que gera muitas discussões em torno do que significa ser um verdadeiro cristão. Percebe-se que as tendências oscilam entre uma identidade cristã que se dedica mais à prática de louvor e orações, onde o cunho espiritual tem mais relevância, ao passo que em outro grupo percebe-se que ser cristão é ser engajado em ações que ajudam a mudar o contexto social de injustiça que existe no mundo atual. As perguntas sobre “quem sou?” e “onde pertencço?” perpassam as discussões. Em muitas situações, temos interações conflitantes entre os membros. Encontramos posições teológicas que se contrapõem entre si, enquanto que alguns membros tentam conciliar a discussão e pensam que é possível integrar perspectivas diferentes para manter a unidade. Outros entendem que isso fere a identidade confessional e que há pessoas que estão e devem ficar fora ou excluídos como membros da igreja.

Outra preocupação dos jovens é a diminuição de membros nas igrejas e participantes nos grupos de jovens. As causas, dizem eles, podem ser encontradas num mundo onde há outras ofertas que se tornam mais importantes e interessantes para as pessoas. O fato de os jovens estarem afastados da igreja também pode ter suas causas na falta de preparo de lideranças e de atividades que são pouco atrativas, sem estímulo. Também há o exemplo negativo dos pais ou o próprio individualismo dos jovens que não querem se engajar em causas coletivas e de solidariedade. A preocupação com uma cisão entre os membros das igrejas também é um tema levantado. A igreja é lembrada como um barco onde os que estão dentro se salvam de naufragar num mundo mau. Muitos membros recordam um exaustivo trabalho feito dentro dos grupos de jovens e como isso têm mudado na contemporaneidade. Há vozes que acham que é necessário um grande trabalho missionário para o reavivamento dos membros e que falta por parte das instituições um maior engajamento e preparo nas lideranças. Há sugestões de evangelizações em massa ou a divisão das comunidades em pequenas células. Percebe-se pelas interações que muitos membros têm conhecimento teológico.

²⁶ É importante ressaltar que as comunidades virtuais de jovens que foram observadas neste estudo não são comunidades oficiais dessas igrejas, mas foram criadas por pessoas que se identificam com elas, provavelmente pela pertença ou por serem membros dessas.

Relações ecumênicas para dentro e para fora – Aparentemente todas as igrejas têm movimentos que se contrapõem dentro de suas comunidades e isso é sentido pelo grupo de jovens questionando a sua identidade. Pergunta-se se é possível simpatizar com um movimento e não trair o outro. É a questão da lealdade que aparece em várias situações. Achrom que é possível, porque enriquece a igreja, que é vista como corpo de Cristo. Dizem que quanto mais os grupos polarizam entre si e se dividem, mais chances há de que a igreja vá se dividindo e os membros migrem para outras religiões. Para outros significa a perda da identidade religiosa e confessionalidade. Junto com isso também surge a pergunta pela relação com outras igrejas e o ecumenismo. Eu e os outros? Sugerem adotar “uma postura mais ortodoxa em relação à doutrina”, o que significaria “romper com Igrejas Liberais” ou até expulsar os liberais do seio da igreja. Nas relações ecumênicas, o que se observa por parte de jovens da Igreja Católica é a existência de posições que entendem que o movimento carismático vai assemelhando a Igreja Católica com as igrejas evangélicas. Já por parte de movimentos fundamentalistas e carismáticos das igrejas evangélicas históricas, aparece a tendência em rechaçar a Igreja Católica como tal e a Teologia da Libertação. Isso levanta a pergunta se a geração de jovens vai polarizando em torno de uma identidade religiosa que terá dificuldades em lidar com aqueles que pensam diferente?

A moral sexual – Vários tópicos sobre sexualidade e moral podem ser encontrados nas comunidades onde jovens discutem o que é e o que não é permitido para um cristão. Entre essas preocupações temos se “é permitido ao cristão ter sexo antes do casamento ou se sexo só pode acontecer após o casamento”. Há também a discussão se um cristão pode participar de festas mundanas e ir a bailes. Novamente surge a divisão do mundo em mau e corrupto e o mundo bom, que fica na igreja. No mundo mau e corrupto há abusos e “atitudes degradantes”. Numa das interações consta: “A santidade consiste em aceitar Jesus Cristo como única verdade revelada na Bíblia que é a palavra de Deus”. A “Igreja não é um lugar de bailes e festas”, muitos grupos de jovens entendem.

Temas recorrentes como sexo antes do casamento e homossexualidade apontam para o comportamento inadequado para um jovem cristão. Dizem que ele ou ela deve saber o que é certo e errado e com isso “evitar a tentação”. O tema homossexualismo gera muita polêmica, e a maioria dos membros que interage é contra a prática homossexual. Entendem que o homossexualismo é uma prática que é condenada na Bíblia e por isso é um pecado. Alguns pensam que a homossexualidade deve ser tratada (em clínicas) e que uma pessoa homossexual não deve ter relações sexuais. Na mesma direção, encontramos em comunidades tópicos que debatem a união homossexual nas igrejas. Claro que também nessas discussões há muitas polêmicas entre as pessoas que debatem o assunto sempre com um referencial teológico para apoiar o enfoque que é dado.

Espiritualidade e religiosidade – Chama a atenção que alguns acham que os grupos de jovens e mesmo as igrejas devam ser um “albergue” que abriga pessoas. Entendem que a igreja deve ter uma perspectiva de acolhida aos jovens e ouvir suas angústias e anseios. Ressalta-se a importância em escutar e ter compreensão. Várias comunidades apontam a importância de suas músicas de louvor e citam textos bíblicos e orações. Nas discussões há menções de celebrações, cultos e missas como formas de expressão de espiritualidade. Por outro lado, vemos que se discutem diferentes maneiras de expressar a espiritualidade e a religiosidade. Há o caso dos grupos que se identificam com a ação social, por exemplo. Esses dizem claramente que têm suas próprias músicas e formas de vivenciar a espiritualidade e que essas diferem dos grupos da renovação carismática ou fundamentalista. O uso das duas expressões espirituais como formas de integração também é sugerido.

Uma interação diz que falta oração nas igrejas e que elas precisam investir mais em “em missões, em almas, nas obras”, caso contrário, perderão os seus membros. Há também os que pensam que uma instituição com um número grande de membros não é o mais importante. Para esses, o que importa é que se evangelize para que haja muitas pessoas “que conheçam Jesus e o sigam”.

Conclusões

Qual é o ganho das pessoas que interagem nessas comunidades de jovens? Será que a identidade pessoal e eclesial de cada um desses participantes sai fortalecida? Embora novas pesquisas sejam necessárias, pode-se verificar que elas proporcionam um espaço importante para o processo de construção identitária na atualidade. São comunidades que contribuem para a elaboração de uma religiosidade que corresponde às mudanças sociais em curso e proporcionam um espaço alternativo para uma discussão teológica por parte dos jovens. Também caberia investigar como as igrejas reagem às discussões realizadas pelos jovens. Percebemos que há uma rica fonte de conhecimento e uma grande preocupação dos jovens para com suas igrejas e com a continuidade dessas. Também observamos uma crescente polarização em grupos que tendem a excluir os outros, o que pode trazer conflitos mais sérios no diálogo inter-religioso.

Na leitura das interações das comunidades virtuais de jovens que se dizem membros ou filhos de membros das igrejas cristãs, pesquisadas no Orkut, fica evidente que a maioria é moderada por homens. Também as interações parecem ter um domínio masculino. Nem sempre as interações são cordiais e há momentos de muita agressividade quando ideias se polarizam. Claro que, no Orkut, existe a possibilidade de denunciar o agressor, que pode ser punido com uma reprimenda ou outra medida que se faça necessária. É a assim chamada *netiqueta* – a etiqueta no uso da internet. Estudos realizados com comunidades virtuais mostram que também na

rede virtual acontece o princípio de “dar e receber” e que muitas pessoas usam a rede para buscar ajuda e distribuir conhecimento, e isso reverte para o próprio ganho.²⁷

No que tange aos conflitos nas comunidades virtuais, é normal que esses surjam, porque as pessoas reproduzem ali o seu comportamento do cotidiano. Por isso o papel do moderador é muito importante para contornar situações e resolver conflitos. Se um conflito não é contornado, o grupo pode se extinguir ou pode acontecer que se formem pequenos grupos que vão conflitando com outros na comunidade. A moderação de um conflito em estado inicial pode reverter a situação e os participantes podem ser ajudados a achar uma solução. Esse é um ponto importante para a moderação das comunidades que discutem tópicos, seja com jovens ou adultos, e é uma área nova dentro do conhecimento virtual.

Em redes virtuais de interação feminina foram observados que, além de assuntos relativos à profissão e áreas de conhecimento, também havia discussões com comentários pessoais e humorísticos. Essas interações pessoais e humorísticas ajudam a descobrir e relaxar do estresse diário. Pelas usuárias, as redes femininas foram vistas como “um lugar de referência, um espaço, uma morada, um segundo lar”. Esse espaço considerado “gênero-político” permite que as participantes (adolescentes ou adultos) possam se desenvolver ou se empoderar.²⁸

Entendo que esse aspecto traz também uma preocupação não apenas para as igrejas, mas também para a sociedade maior, no sentido de que haja mais comunidades moderadas – bem moderadas – para aquisição de conhecimento e interação entre os grupos. Por outro lado, também numa comunidade virtual se oferece apoio ao indivíduo, sem segurá-lo ou prendê-lo num lugar como se estivesse num mundo estático. Entendo que para as igrejas se abre um horizonte na capacitação e qualificação de pessoas para o papel de moderação virtual. Vejo essa uma grande possibilidade para a área da Teologia Prática. Seriam pessoas com um treinamento especial para interagir e moderar comunidades virtuais, que também tenham um bom conhecimento em aconselhamento pastoral e mediação de conflitos para atuar nas redes virtuais. Uma comunidade virtual precisa de “cuidado”. E cada vez mais as pessoas buscam, nas comunidades virtuais, um lugar onde se sentem em casa, e para isso querem se sentir mais seguras. Uma comunidade virtual que quer oferecer cuidado para as pessoas precisa irradiar segurança. Quem sabe esse seja um espaço para discutir religiosidade que parece não existir nas comunidades locais dos jovens que se encontram no Orkut.

²⁷ SCHACHTNER, Christina. **Erfolgreich im Cyberspace**. Handbuch Virtuelle Frauen Mädchennetze. Opladen: Barbara Budrich, 2005.

²⁸ DUVALL, Bettina. Community: Gemeinschaft im Netzwerk. In: SCHACHTNER, 2005, p. 57-78.